

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2010

Arthur Duran

Regiane Smocowisk Miranda

**O olhar do agregado sobre as organizações sociais na
sociedade escravocrata.**

Tema: O olhar do agregado sobre a organização social

Introdução:

A possibilidade de mobilidade social na sociedade escravocrata é barrada pelas classes superiores que tentam evitar a mistura de sua posição social com “raças” que consideravam inferiores, seja para manter estável o status social perante a corte ou por por atitude preconceituosa contra negros, mestiços e descendentes de escravos.

Este posicionamento contra a miscigenação era uma atitude comum na sociedade da época, dessa forma, as pessoas das quais não lhe pertenciam nenhum tipo de propriedade tal como terras ou bens, mas que também não faziam parte de nenhum trabalho escravo, tornavam-se pessoas nulas. Há para esse grupo de pessoas uma liberdade condicional, da qual eram considerados livres perante a sociedade, contudo, não havia trabalho para os homens livres e pobres, assim, não havia possibilidade para estes usufruírem de sua liberdade. Dessa maneira, mesmo que muito deles possuíssem um alto grau de educação e escolaridade, estes ficavam presos a condição de agregados para famílias influentes, porém nunca seriam considerados de fato parte da família.

Na novela Casa Velha de Machado de Assis, quem partilha desse universo de ser livre e pobre é a personagem Lalau, a qual está subjulgada na condição de agregada da família, e assim este pequeno ensaio tem como principal objetivo fazer uma análise da sociedade da época, focando na figura do agregado e como ele está preso à uma liberdade condicional.

O agregado - O olhar do agregado sobre as Instituições e como usufruir dessa liberdade:

Na tentativa de investigar um pouco a figura do agregado nas obras de Machado de Assis, podemos traçar um paralelo entre a novela Casa Velha com romance Dom Casmurro, primeiramente do ponto de vista de como os personagens são compostos nas obras de Machado de Assis. Roberto Schwarz faz uma análise muito interessante sobre a obra de Machado no artigo: "A poesia envenenada de Dom Casmurro" no periódico, Novos Estudos CEBRAP n 29, março de 1991:

A população de Dom Casmurro compõe uma parentela, uma destas grandes moléculas sociais características do Brasil tradicional. No centro está um proprietário mais considerável – inicialmente Dona Glória – cercado de parentes, dependentes, aderentes e escravos, todos mais ou menos atados à vontade e aos obséquios daquele. A dominação toma a forma de autoridade paternal, e a subordinação, de respeito filial, ambas tingidas de devoção religiosa, já que o bom exemplo vem da relação Deus Padre. (Schwarz, p. 91)

Ora, na sociedade escravocrata da época da obra em questão ocorre uma situação semelhante e até mesmo de forma mais arcaica. A Casa Velha seria como um modelo reduzido da sociedade brasileira. O núcleo familiar é a Dona Antônia, a qual toma essa posição perante a morte de seu marido e é o centro das relações sociais. Abaixo dela, há a figura do Félix, o filho, que irá herdar futuramente o papel de sua mãe. Além disso, há a figura dos parentes – representados por Eduardo, um sobrinho do dono da casa e Coronel Raimundo, citado como um velho parente e há ainda a menção de mais alguns hóspedes. E mais abaixo há a figura do agregado, dos dependentes, na qual é retratado a Lalau, a qual é a única na novela que é citada com um nome doméstico e por ela ser órfã vivia na casa de uma tia. Os escravos são retratados como seres inferiores, na novela são referidos como crias, isto é, estão no mesmo patamar que os animais.

Analisando desse ângulo, devido o fato do país ainda ser escravocrata, havia uma privação de trabalho assalariado nesse tipo de sociedade. Ou se era proprietário de terras e de escravos ou se era escravo. Praticamente era inexistente o trabalho assalariado, o que obrigava grande parte dos homens livres e pobres a buscarem sobrevivência nas relações de proteção e clientela. Assim, aparece a figura do agregado, o qual fica submetido aos serviços que presta a família e como troca recebe condições para seu sustento, tais como alimento e moradia. Dessa maneira, cria-se uma relação de lealdade e obediência perante o agregado, visto que em muitos casos, se não participassem desse sistema, poderiam futuramente ficar à margem da sociedade.

Contudo, a personagem Lalau não enxergava a relação que possuía com a Dona Antônia tal como uma simples empregada. Como foi criada quase como uma filha de Dona Antônia, uma vez que esta a criou e foi responsável de lhe completar sua educação, Lalau pensava que fazia parte da família. Porém por ser ainda jovem e estar inserida no ambiente familiar, inicialmente ela não tem consciência de sua condição. Como seu pai exercia ofício mecânico e a mãe era filha de um escrívão da roça, podemos talvez deduzir que estes não possuíam recursos suficientes para cortar o laço de dependência com seus patrões. Lalau cresceu com essa impressão de que sempre teria feito parte de todo aquele ambiente de maneira igual a Felix, Eduardo e todos os parentes, e precisou se deparar com uma situação da qual o seu envolvimento "oficial" com a família foi necessário para que não só na novela, mas de maneira geral como análise daquela sociedade, fosse revelado o papel do agregado, e até onde iam o seus direitos.

Comparação dos agregados:

O autor Machado de Assis mostra em seus contos e romances outro tipo de agregado, como por exemplo o personagem José Dias de Dom Casmurro; a história se passa durante o período do Segundo Império, pouco tempo após a história da novela *Casa Velha*. O agregado José Dias mostra o agregado como alguém completamente superior comparado ao agregado mostrado em *Casa Velha*, apesar de precedentes diferentes, José Dias é um homem sozinho que se agregou a família do protagonista e narrador Bentinho, e durante toda história exerce forte influência na casa, seja sobre Bentinho, ou D. Glória (mãe do protagonista), em diversas partes do romance, como por exemplo o momento em que persuade D. Glória a mandar Bentinho cursar direito na Europa (dado a interesses pessoais de conhecer o local também, visto que acompanharia o mesmo), ou quando diz a Bentinho que sua amada, Capitu, possuía "olhos de cigana oblíqua e dissimulada". Ao contrário de José Dias, Lalau não possui influências na *Casa Velha*, foi criada lá com a justificativa de poder ser filha do dono da casa, e desde então foi criada dentro da mesma, porém, mesmo sem tentar exercer influência ou argumentar algo a seu favor, Lalau apaixonou-se por Felix, o filho da dona da casa, e esse romance é impedido dado ao fato de Lalau não fazer parte de uma família de nome apesar de sua educação.

Com isso, podemos ver que a figura do "agregado" na sociedade escravocrata se apresenta de diferentes formas, sendo elas influentes ou não.

Conclusão:

A figura do agregado através dos períodos da sociedade escravocrata, nos permite chegar a dois caminhos distintos: se existiam dois tipos diferentes de agregados ou apenas houve um desenvolvimento dessa figura de acordo com o tempo (visando a diferença de papéis entre Lalau e José Dias, que definem o período regencial e o segundo império respectivamente), dado a confiança que o personagem agregado adquire de um romance ao outro.

Analisando a figura do agregado no período em que a história da novela Casa Velha se passa, podemos chegar a idéia de que a vida dessas pessoas era algo quase que inimaginável, afinal, haviam barreiras em suas vidas por todos os lados que tentassem seguir, o futuro profissional era impossível, o casamento e a vida com uma família estabilizada também, além do fator de não participarem de fato da família com a qual vivem (o que seria de fato suas vidas por completo visto que o ambiente familiar era o que se regravava nesse período).

A personagem Lalau ao concluir sua posição social, conforma-se, entende qual o tipo de marido destinado ao seu nível social, e qual o destino de pessoas como ela, e mais que isso, compreende e aceita a liberdade condicional com a qual está imposta a viver diante do que era a sociedade na época, sem profissão, sem a família que sonhou, sem poder viver a liberdade completa que "por tabela" lhe era destinada, mas dado ao fato de ter nascido como é, deveria morrer como nasceu.

Bibliografia:

Casa Velha Machado de Assis

SCHWARZ, ROBERTO. "A poesia envenenada de Dom Casmurro". *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, número 29, páginas 85 a 97, março de 1991.